

## O uso da mídia social *Twitter* como fornecedora de fontes primárias e sua utilização em um caso específico

The uses of the social media *Twitter* as a supplier of primary sources and its use in a specific case

Bruno Erbe Constante<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por pretensão argumentar sobre o potencial da mídia social *Twitter* como fornecedora de fontes primárias para estudos de temas da contemporaneidade. Após expor alguns estudos que, observando este potencial, utilizaram tuítes como fontes primárias, busca-se explorar um caso específico, a saber, o Golpe de 2016 no Brasil. Para tanto, analisam-se as manifestações de Michel Temer, Eduardo Cunha, Paulo Skaf e Reinaldo Azevedo, em seus respectivos perfis no *Twitter*, desde junho de 2013 até a abertura do processo de impeachment em dezembro de 2015. Por fim, tendo em vista a batalha de narrativas existente entre foi golpe ou não foi golpe sobre o processo de 2016, externa-se a transformação do conceito de golpe e afirma-se, portanto, que o que ocorreu com a deposição da presidenta Dilma Rousseff foi de fato um Golpe de Estado.

**Palavras-chave:** Twitter. Tuítes. Golpe.

**Abstract:** The purpose of this article is to argue about the potential use of social media *Twitter* as a supplier of primary sources for studies of contemporary issues. After presenting some studies that, by observing this potential, used tweets as primary sources, a specific case will be explored, that is the 2016 coup in Brazil. To do so, will be analyzed the manifestations of Michel Temer, Eduardo Cunha, Paulo Skaf and Reinaldo Azevedo, on their *Twitter* profiles, from June 2013 until the opening of the impeachment process in December 2015. Finally, considering the existent battle of narratives between coup or not coup concerning the 2016 process, the transformation of the coup concept is described and, therefore, it is stated that what happened with the deposition of President Dilma Rousseff was indeed a Coup d'État.

**Keywords:** Twitter. Tweets. Coup.

Pelo menos desde a década de 1990, a internet tem se popularizado e, conjuntamente a isto, surge o termo *web*. Anos mais tarde – e talvez mais importante que o próprio desenvolvimento da internet – a construção de novas mídias sociais, acompanhada por uma grande adesão popular ao seu uso, sobretudo com a mudança proposta pela *web 2.0*, faz com que, na atualidade, seja praticamente impossível a compreensão da sociedade como um todo sem levarmos em consideração o papel dessas. Neste sentido, o *Twitter*, derivado dos *blogs*, sofreu um crescimento abrupto em seu número de usuárias(os). Associado a isso, o potencial uso deste sítio para estudar processos ocorridos na contemporaneidade foi percebido por diversas(os) pesquisadoras(es) de

---

<sup>1</sup> Licenciado (2020) e Bacharelado em História, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

diferentes áreas do conhecimento. Assim sendo, o presente artigo tem por objetivo fazer uma breve introdução sobre o surgimento do *Twitter* e sobre seu potencial enquanto fornecedor de fontes primárias para pesquisas acerca de processos contemporâneos, abordando alguns exemplos deste uso. Além disso, propõe-se uma análise sobre o Golpe de 2016 no Brasil a partir dos tuítes de alguns personagens que considero centrais neste acontecimento, a saber, Michel Temer, Eduardo Cunha, Paulo Skaf e Reinaldo Azevedo<sup>2</sup>.

### A web 2.0: algumas linhas sobre uma mudança importante

O século XX foi interpretado pelo historiador britânico Eric Hobsbawm (1917–2012) como a Era dos Extremos (HOBSBAWM, 1995). Se tal generalização foi possível para a centúria pretérita, o atual século poderia ser sinônimo de a “Era Google<sup>3</sup>”. Isto porque, mais do que nunca, a rede mundial de computadores tornou-se uma ferramenta poderosa de comunicação, ademais, e em consequência disto, as relações sociais foram modificadas drasticamente para acompanhar o fenômeno da internet.

A popularização da internet, bem como as modificações em seu escopo de utilizações, porém, não é tão recente como poderíamos deduzir. Fábio de Almeida (2011) alerta que o aumento significativo do uso da internet é perceptível desde ao menos os anos 1990. Em consonância com este crescimento, surge, também, o termo *web* (*world wide web*) cunhado pela primeira vez pelo britânico Tim Berners-Lee. Lucia Leao define este termo como

um documento digital composto por diferentes blocos de informações conectadas. A conexão entre os blocos de informações é realizada através de

---

2 Algumas razões para a escolha destes sujeitos, especificamente, são: 1) Michel Temer foi vice-presidente de Dilma e considerado o articulador político do governo; 2) Eduardo Cunha era base do governo e liderança de seu partido; 3) Paulo Skaf, presidente da FIESP-CIESP, é, ao meu ver, o porta voz do empresariado nacional; 4) Reinaldo Azevedo foi crítico contumaz do governo – não sendo algo exclusivo a este sujeito, é evidente. Porém, sua semelhança com Heitor Cony (2004) fez com que eu o escolhesse, já que pleiteou a derrubada do governo e depois sofrera consequências com o novo governo – nada comparável à ditadura.

3 Esta expressão fora utilizada pelo historiador da micro-história italiana Carlo Ginzburg, em conferência intitulada Fronteiras do Pensamento, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011. Nesta conferência, Ginzburg abordou a ínfima relação entre a internet e a história do tempo presente. É importante destacar que, tal termo, antes de fazer qualquer juízo de valor, serve para ilustrar que, nos tempos atuais, a tecnologia impactou – positivamente e negativamente – o dia a dia. Um excelente texto sobre as novas tecnologias e seus efeitos é o de Anita Lucchesi (2014).

vínculos eletrônicos denominados links, que permitem o avanço para outras seções dentro do mesmo site, ou redirecionamento para sites diferente (LEAO, 2001, p. 15-16).

Neste sentido, a partir deste período a *web* tornar-se-ia “um modelo de gerenciamento de arquivos [...] padrão na internet” (ALMEIDA, 2011, p. 13).

Anos após tal popularização, em virtude dos avanços promovidos pelas áreas da computação, houve uma transformação significativa na relação dialética entre usuário e internet, tornando, conseqüentemente, imprescindível a elaboração de um novo termo para representá-la. Eis que, em 2004, releva-se, em uma conferência realizada nos EUA pela empresa O’Reilly Media, a expressão *web 2.0*:

[...] em sua origem deveria distinguir sites ou aplicativos com baixo custo de desenvolvimento, em que o conteúdo surge de *baixo para cima* [...] a partir do *relacionamento entre participantes* [...], e que pode combinar as soluções e o conteúdo de mais de um site para produzir uma *experiência integrada* (SPYER, 2007, p. 28, grifos meus).

Não obstante, tendo em vista que conceitos não são estáticos e mudam em virtude de novos contextos, houve uma expansão na interpretação do que de fato representava tal expressão. Ian Davis, testemunha ocular disso, afirma que “a *web 2.0* é uma atitude, não uma tecnologia”<sup>4</sup> (DAVIS, 2005, s/p). Na mesma linha argumentativa de Ian Davis, Serge Noiret, historiador italiano, afirma que este é “um conceito tecnológico” e “um conjunto de *práticas novas* colocadas à discussão” (NOIRET, 2011, p. 19, grifos meus). Em outras palavras,

A participação dos usuários no conteúdo desses sites já não depende do correio eletrônico, mas sobretudo do *contato direto* através do navegador, da inserção de documentos multimídia, textos, comentários, formas de indexação nos sites que são sobretudo dinâmicas (NOIRET, 2011, p. 9, grifos meus).

O que quer se destacar com isso é que a *web 2.0* é uma transformação importante, pois faz com que a(o) usuária(o) passe da condição de passiva(o) para ativa(o) nas redes

---

4 Traduzido de: “[...] *web 2.0* is an attitude not a technology”.

digitais. Como argumenta Pedro da Silveira, o conceito não é rigoroso, podendo, portanto, possuir distintos significados, porém, a certeza é que este reflete “um agregado de tendências da computação e do uso social dos computadores na virada do século utilizado para direcionar o mercado e promover essas mesmas tendências” (SILVEIRA, 2018, p. 51). Neste sentido, há uma maior inserção da(o) usuária(o) no próprio processo de criação de conteúdo para este espaço, dando destaque para sua atuação na construção de novos sítios, tais quais os *blogs*<sup>5</sup>, precursores da mídia social *Twitter*.

### Sobre o Twitter e sua potencialidade

A mídia social *Twitter*<sup>6</sup> é um sítio com estrutura semelhante aos *blogs* já que permite, atualmente, que sejam escritos textos pequenos, com até 280 caracteres<sup>7</sup>, a partir da pergunta “o que está acontecendo?”. Seu uso é aberto a todas(os) tendo como requisito básico, é óbvio, o acesso à internet e algum suporte – computador ou celular, geralmente. O sítio é baseado na relação entre *followers* e *followings*, ou seja, seguidores e pessoas a seguir, sendo isso determinado por cada usuária(o). Existe ainda a possibilidade de troca de mensagens de modo privativo. Mensagens direcionadas também são possíveis a partir do uso do “@” antes do nome do destinatário. Além disso, a mídia social permite que sejam reproduzidos os tuítes por outras(os) usuárias(os), isto é, os retuítes. Estes são, basicamente, instrumentos de difusão de informações, uma vez que o tuíte original é propagado para outras pessoas permanecendo inalterável a informação inicial.

Sobre o próprio desenvolvimento da mídia, Raquel Recuero afirma que:

O Twitter foi fundado por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams ainda em 2006, como um projeto da empresa Odeo. Uma das características mais importantes do sistema é que permite que sua API<sup>8</sup> seja utilizada para a construção de ferramentas

---

5 Basicamente *blogs* são sítios na internet que podem utilizados de forma individual ou coletiva, possuindo um formato que permite a interação entre produtor(a) do sítio e usuários(as) que acompanham este. São, geralmente, sítios simples de serem manuseados, não necessitando, conseqüentemente, de conhecimentos avançados na área de computação e/ou informática.

6 <http://www.twitter.com>

7 Inicialmente, o Twitter permitia o uso de 140 caracteres. Contudo, no início de 2017, a mídia dobrou o limite para 280.

8 Interface de Programação de Aplicativos (Application Programming Interface) é, basicamente, um canal de comunicação que permite usuários(os) e aplicativos conectarem-se ao sítios.

que utilizem o Twitter. Isso fez da ferramenta extremamente popular, sendo utilizada em inúmeras iniciativas, como o Summize, ferramenta de busca no sistema que posteriormente foi adquirida pelo Twitter e tornou-se sua busca "oficial" (RECUERO, 2009, p. 173).

Entretanto, a mídia social levou algum tempo para se popularizar. Isto se deu, sobretudo, a partir de dois momentos importantes: a utilização desta mídia por pessoas famosas, fazendo com que seus fãs passassem a utilizar o *Twitter* no intuito de saber o que acontecia no dia a dia dessas; e, mais importante, a disseminação de seu uso como ferramenta de jornalistas. Talvez o exemplo mais emblemático disto seja o uso da *#IranElection* para noticiar as eleições no Irã em 2009.

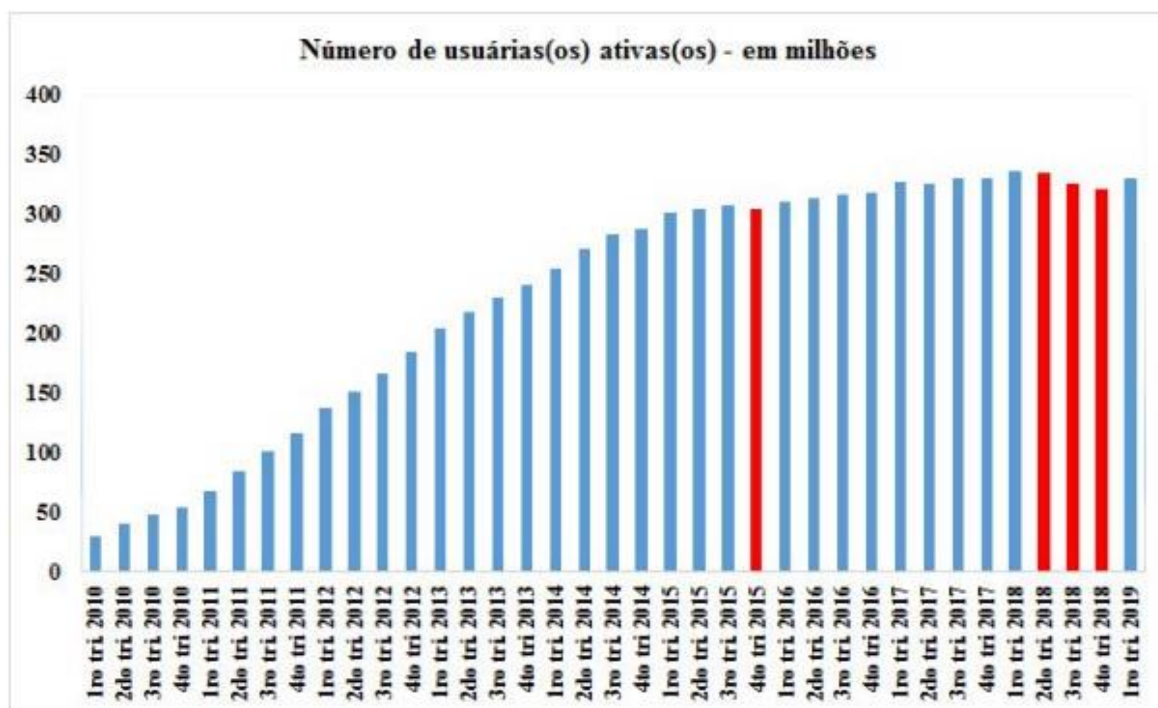
Assim sendo, atualmente, é patente o papel central que as mídias sociais, isto é, "[...] um grupo de aplicações para Internet construídas com base nos fundamentos ideológicos e tecnológicos da web 2.0<sup>9</sup>, e que permitem a criação e troca de Conteúdo Gerado pelo Utilizador<sup>10</sup>" (KAPLAN; HAENLEIN, 2010, p. 61)<sup>11</sup>, ocupam em nossa vida. No gráfico abaixo, podemos ver a evolução no número de usuárias(os), de 2010 até 2019.

---

9 A *web 2.0* é aqui compreendida como sendo uma mudança de mentalidade das(os) desenvolvedoras(es) de sítios de internet. Sua principal característica é a colaboração e a interatividade promovida entre o próprio sítio e a(o) usuária(o).

10 Local virtual em que podemos compartilhar, trocar e consumir informações, isto é, Twitter, Facebook, YouTube.

11 Traduzido de: "[...] a group of Internet-based applications that build on the ideological and technological foundations of Web 2.0, and that allow the creation and exchange of User Generated Content".



Retirado de CONSTANTE, 2020, p. 30.

O gráfico demonstra que, se no primeiro semestre de 2010 havia pouco menos de 50 milhões de usuárias(os), no final de 2019 este número passou para quase 350 milhões. Este crescimento quase constante, com apenas algumas quedas, reflete a importância que a mídia social possui. Isto fez com que diversas(os) pesquisadoras(es) voltassem sua atenção para a utilização das mídias, aqui em específico o *Twitter*, como fornecedoras de fontes primárias para suas pesquisas.

Benjamin Gleason (2013), professor de Tecnologia Educacional da Universidade Estadual de Iowa (EUA), por exemplo, estudou o movimento *Occupy* (2011)<sup>12</sup> a partir das manifestações das(os) usuárias(os) na mídia social *Twitter*. Para tanto, explorou o potencial de uma *hashtag*<sup>13</sup> específica, que relatava o ocorrido no acontecimento – #OWS, para demonstrar a potencialidade das construções de narrativas, tendo em vista que este dispositivo “[...] fornece muitas vozes adicionais para a discussão sobre a #OWS do que as disponíveis usando apenas as mídias tradicionais (jornais, televisão, e rádio)” além de “[...]”

12 Para mais informações ver: HARVEY, David et al. *Occupy*: movimentos de protesto que tomaram às ruas. São Paulo: Boitempo, 2012.

13 Espécie de “etiqueta” associada a discussões ou assuntos que se deseja indexar na mídia social precedido pelo símbolo (#) à palavra e/ou frase. Sua utilização pode ser buscada e todos os tuítes que utilizam a mesma “etiqueta” podem ser recuperados.

ampliar as oportunidades de participação em um movimento social” (GLEASON, 2013, p. 973-974)<sup>14</sup>. Ao estudar esse movimento a partir das manifestações nesta mídia social, o grande objetivo do pesquisador era afirmar a potencialidade do uso do *Twitter* como plataforma para construção de conhecimento, ou seja, ressaltar o papel educacional desta mídia. Ao final do artigo, o pesquisador argumenta que

A grande porcentagem de tuítes do #OWS que contêm hiperlinks *suporta o aprendizado informal [...] sobre o movimento Occupy Wall Street* no *Twitter*. [...] Esses links levam os usuários a sites de aprendizado mais substantivo, como sites de blogs de fotos, como o Tumblr; sites de compartilhamento de vídeo, como YouTube e Ustream; mídia independente, como a revista AlterNet; e muitos outros (GLEASON, 2013, p. 979, grifos meus)<sup>15</sup>.

Ou seja, ao mesmo tempo que a mídia social *Twitter* serve para promover novas narrativas e angariar novos adeptos, pode servir também como uma ferramenta digital em que muitas pessoas estão informando-se e aprendendo.

Narseo Vallina-Rodriguez, Salvatore Scellato, Hamed Haddadi, Carl Forsell, Jon Crowcroft e Cecilia Mascolo (2012), todos do Laboratório de Computação da Universidade de Cambridge (Reino Unido), desenvolveram estudos sobre os protestos de 2011 ocorridos na Espanha<sup>16</sup> a partir do *Twitter*. Os autores argumentam que “desde o início, o debate sobre a crise política passou para *blogs* e serviços de redes sociais online”<sup>17</sup> (VALLINA-RODRIGUEZ *et al.*, 2012, s/p), sendo, pois, em consequência das manifestações na mídia social que surge o coletivo *Democracia real, ya!* – que mais tarde se auto-intitulariam *Los Indignados*. Portanto, é fundamental para a compreensão deste processo e suas

---

14 Traduzidos do original: “[...] provides many additional voices to the conversation about #OWS than are available using only traditional media (newspapers, television, and radio)”; e “[...] opens up multiple opportunities for participation in a social movement”.

15 Traduzido de: “The large percentage of #OWS tweets that contain hyperlinks supports constructivist-oriented, informal learning about the Occupy Wall Street movement on Twitter. These links take users to sites of more substantive learning, such as photo blog sites, such as Tumblr; video-sharing sites, such as YouTube and Ustream; independent media, such as AlterNet magazine; and many others”.

16 Para uma boa síntese do movimento, ver: GOHN, Maria da Glória. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

17 Traduzido de: “From early on, the debate over the political crisis moved onto blogs and online social networks services”.

consequências futuras, como o aumento expressivo da bancada dos conservadores do Partido Popular, a compreensão do papel desempenhado na mídia social *Twitter* pela multidão que foi às ruas. Por esta razão, vale destacar os resultados obtidos na pesquisa:

Descobrimos que a maioria dos tuítes relacionados as eleições expressavam uma orientação política alternativa fora do espectro político da esquerda-tradicional; Nossa análise mostrou que a atividade política dominante no Twitter foi ofuscada pelas forças alternativas;  
Observamos que as atividades do Twitter acompanharam de perto os eventos dos protestos, [...] demonstrando a explosão de interesse com o estabelecimento dos primeiros campos de protesto.  
Nossos resultados apoiam a ideia de que o Twitter foi muito usado [...] ajudando (os movimentos) a compartilhar e promover uma mensagem de mudança social. De fato, parece-nos, a revolução foi tuitada. (VALLINA-RODRIGUEZ *et. al.*, 2012, s/p)<sup>18</sup>.

Ao contrário do uso feito pelos *indignados* espanhóis, Alex Burns e Ben Eltham (2009) estudaram o impacto da mídia e sua importância na promoção dos protestos eleitorais no Irã em 2009. Porém, alertam que, além de ter esta funcionalidade positiva para os ativistas, tal qual ocorreu na Espanha, por exemplo, ou no próprio movimento *Occupy*, nos EUA, o *Twitter* foi utilizado pelo governo como uma ferramenta para “identificar e caçar manifestantes pró-democracia”<sup>19</sup> (BURNS; ELTHAM, 2009, p. 306), demonstrando, portanto, a duplicidade funcional da mídia e os limites democráticos desta.

Além desses trabalhos que estudam alguns processos ocorridos em diferentes localidades do mundo (*Occupy*, EUA; *Los Indignados*, Espanha; e as eleições no Irã), vale mencionar o trabalho de duas pesquisadoras brasileiras, validando a argumentação sobre a compreensão da importância da mídia social *Twitter* e sua potencialidade para pesquisas.

---

18 Traduzido de: “We found that the majority of the election-related tweets expressed an alternative political orientation outside the traditional left-right political spectrum. Our analysis showed that mainstream political activity on Twitter was overshadowed by that of alternative forces. We observed that Twitter activity closely followed over time the events of the protests, in particular displaying an explosion of interest with the establishment of the first protest camps. [...] Our results support the idea that Twitter was heavily used by grassroots movements, likely helping them to share and promote a message of social change. Indeed, it seems to us, the revolution was tweeted”.

19 Traduzido de: “[...] to identify and hunt down pro-democracy protests”.



Mariana Rezende de Passos e Teresinha Maria de Carvalho Cruz Pires (2019), professoras da Universidade de São Paulo (USP) e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), respectivamente, buscam identificar como se deu o processo de desconstrução da imagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, usando como fonte as manifestações públicas no *Twitter*. Para tanto, coletaram os tuítes publicados em três momentos distintos: as manifestações pró-*impeachment* ocorridas em 13 de março de 2016; as manifestações contrárias ao *impeachment* ocorridas cinco dias após esta; e, por fim, no contexto das votações do *impeachment* em 17 de abril e 12 de maio de 2016, na Câmara dos Deputados e no Senado, respectivamente. Ao analisarem os dados obtidos, as pesquisadoras afirmam que houve uma polarização das narrativas acerca da figura de Lula, em que algumas pessoas “visavam atribuir culpa ao ex-presidente pela situação vivida no País” e outras “que se referiam a ele como vítima dessa mesma situação” (PASSOS; PIRES, 2019, p. 197). Alertam ainda que o aumento deste embate de narrativas, culpado ou vítima, deu-se, sobretudo, no contexto da disputa pelo sentido do termo golpe. Finalizam, afirmando que

o poder dos veículos hegemônicos – ao adotarem o mesmo posicionamento sobre o ex-presidente – se deu em decorrência de sua capacidade em tornar determinadas narrativas mais visíveis que outras. Houve, portanto, um jogo de forças entre a rede pró-Lula, constituída pela comunicação governamental, lideranças latino-americanas e a militância petista, e o grupo opositor, composta pelos veículos hegemônicos, os blogueiros ligados a esses veículos, formadores de opinião e usuários comuns contrários ao ex-presidente. Nessa disputa por visibilidade, a referenciabilidade e a credibilidade adquiridas pelos opositores fizeram com que as narrativas de desconstrução da imagem pública de Lula se tornassem mais evidentes (PASSOS; PIRES, 2019, p. 198).

Neste sentido, podemos retomar que, embora tais mídias tenham potencial democrático, ao viabilizarem distintas narrativas, as pesquisadoras atestam que os perfis das mídias “tradicionais” no *Twitter* – Veja, Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Grupo Globo – são, ainda, responsáveis por articular e promover sentidos e significados sobre diversos assuntos, neste caso, a culpabilização de Lula pelo ocorrido no país.

Essas pesquisas citadas anteriormente têm em comum o uso de *software*<sup>20</sup> para auxiliar nos resultados obtidos, tendo em vista que lidam com um grande número de tuítes, o que torna quase impossível a realização desta tarefa de forma mecânica. Porém, como proponho a seguir, podemos utilizar o *Twitter* sem o auxílio destes *softwares* para produzir algumas pesquisas. Neste caso, utilizarei tuítes de Michel Temer, Eduardo Cunha e Paulo Skaf, obtidos pelo mecanismo de busca da própria mídia social<sup>21</sup> e selecionados de acordo com os objetivos estipulados.

### Os tuítes de Eduardo Cunha, Michel Temer, Paulo Skaf e Reinaldo Azevedo

Dias após o resultado das eleições de 2014, concebendo a reeleição de Dilma Rousseff, o PSDB (Partido Social Democrata Brasileiro), cujo candidato Aécio Neves havia disputado o segundo turno, publicou: “URGENTE: PSDB pede cassação do registro de candidatura de Dilma Rousseff” (PSDB, 2014). Além desta mensagem, o tuíte continha um endereçamento para acessar, na íntegra, o processo jurídico protocolado no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) que visava a cassação da chapa eleita.

Este documento buscou, em pouco mais de cinquenta páginas, criminalizar Dilma Rousseff e seus apoiadores por: abuso de poder político e econômico, utilização indevida de prédios públicos para campanha, campanha promovida por dinheiro oriundo de corrupção da Petrobrás, entre outras acusações contidas no documento. Ao fim deste, a ação movida sugere “declarar 16 inelegíveis os representados, cassando-se o registro dos candidatos beneficiados com os atos de abuso de poder” e,

em consequência, que sejam diplomados como Presidente e Vice-Presidente os candidatos componentes da chapa formada pelos requerentes (Aécio Neves e Aloysio Nunes), nos termos da jurisprudência assentada por esse colendo Tribunal Superior Eleitoral (ALCKMIN *et. al.*, 2014, p. 45).

---

20 São exemplos de programas usados: Gephi, NodeXL, Netlytic, AntConc.

21 Refiro-me ao *twitter search advanced*. Esta ferramenta permite a busca de tuítes por palavras, usuários, data, local.

Assim sendo, podemos inferir que, apesar das bases do Golpe terem sido dadas no contexto das manifestações de junho de 2013, conforme apontam alguns(mas) pesquisadores(as) (SOUZA, 2016; PINTO, 2017; GRIJÓ, 2020), é a partir do resultado da eleição presidencial de 2014, com nova derrota do PSDB, que o golpe se inicia de forma contundente. Por isso, penso ser necessário visualizarmos brevemente alguns aspectos do segundo governo de Dilma Rousseff.

Assim como o primeiro mandato, a política econômica adotada por Rousseff fora o que passou a se chamar de *neodesenvolvimentismo*<sup>22</sup>. Esta política compreendia a necessidade do papel do Estado na economia e na sociedade como um todo, associada a um empresariado nacional com papel destacado. André Singer (2015), aponta que a redução dos juros, o uso intensivo do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), a aposta na reindustrialização como sustentáculo da economia, as desonerações fiscais, o desenvolvimento infra-estrutural, as reformas no setor elétrico, a proteção do Produto Interno Bruto (PIB) e o controle de capitais foram algumas das principais características desse modelo. Contudo, este deixava “de lado instrumentos que visassem à promoção de maiores mudanças estruturais” (STEIN, 2016, p. 95), ou seja, “não trazia em seu bojo a perspectiva de desalojar o ordenamento das classes sociais, mas, pelo contrário, a conciliação entre as aspirações divergentes desses segmentos” (MIORANDO, 2018, p. 134-135). A sociedade, portanto, encontrava-se dividida em duas partes:

De um lado, tínhamos uma frente política heterogênea que agrupava a grande burguesia interna, composta pelas empresas brasileiras [...], parte da baixa classe média, a maior parte da classe operária, do campesinato e dos trabalhadores da massa marginal. [...]

De outro lado, temos o campo político neoliberal puro e duro [...]. Essa frente era dirigida pela fração da burguesia brasileira integrada ao capital internacional, cujas propostas de política econômica e externa preteriam interesses de grupos econômicos brasileiros integrantes da burguesia interna. [...]. O capital

---

22 O termo neodesenvolvimentismo (ou novo-desenvolvimentismo), envolvido em diversas disputas conceituais, tem origem nos textos de Bresser Pereira (2003, 2006), todavia ganha destaque em trabalhos de Sicsú, Paula e Michel (2005). Alguns críticos (GONÇALVES, 2012; SAMPAIO JR, 2012) dizem que isto é, na verdade, um esvaziamento do nacional-desenvolvimentismo e uma aproximação velada do neoliberalismo. Como o presente artigo não tem por objetivo a análise do conceito, recomenda-se a leitura dos autores anteriormente citados para um maior aprofundamento.

internacional e a fração da burguesia brasileira a ele associado contavam com o apoio eleitoral da alta classe média (BOITO JR, 2016, p. 27).

Apesar disso, Michel Temer, em seus tuítes, não criticava esta divisão, mas elogiava, sem poupar adjetivos, Dilma e o governo do qual fazia parte.

Em diversas oportunidades, tuitou sobre a importância das políticas públicas propostas e promovidas pela coalizão PT-PMDB (Partido dos Trabalhadores e Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Referindo-se a projeto concretos, como o Bolsa Família: “Bela a cerimônia de comemoração dos 10 anos do bolsa família. Mais de 36 milhões de brasileiros fora da miséria. Uma vitória do Brasil” (TEMER, 2013). Comentando sobre os avanços em infraestrutura ocorridos nos últimos anos: “Com a infraestrutura que está sendo criada, o Brasil dará um salto nos próximos anos” (TEMER, 2014). Ou, ainda, publicando sobre a produção de empregos e a redução da taxa de extrema pobreza: “O Brasil gerou 20 milhões de empregos em 10 anos [...]” (TEMER, 2014); “O governo não governou só pra uma classe social. Em 2002, eram 12 milhões de pessoas com padrão de vida melhor. Hj são 30 milhões” (TEMER, 2014). Sobre Dilma, tuitou: “Se é para continuar as políticas públicas, ninguém melhor do que quem já as estão fazendo, nossa presidenta @dilmabr”.

Porém, se Temer, enquanto integrante do governo na função de vice-presidente, via com bons olhos o modelo *neodesenvolvimentista*, um dos principais pilares do governo, ou seja, o empresariado nacional, criticava-o. Paulo Skaf, presidente da FIESP e da CIESP<sup>23</sup>, já em julho de 2013, isto é, no primeiro governo Dilma Rousseff, tuitava que “a conta não é nossa”, referindo-se ao pagamento de 10% para o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) caso o(a) trabalhador(a) fosse demitido sem justa causa. Skaf, neste sentido, tuitou diversas vezes que Dilma deveria aprovar o projeto que retirava a responsabilidade do empresariado neste pagamento, não obstante, a presidenta vetou. Após o veto, Skaf passou a tuitar que “Veto da presidente Dilma aos 10% de multa no #FGTS

---

23 Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, respectivamente.

não contribui para crescimento do país” (SKAF, 2013) e “Derrubar o veto presidencial que mantém a cobrança de multa adicional de 10% sobre o FGTS é uma das lutas da @Fiesp” (SKAF, 2013). Isso demonstra que uma parte do empresariado brasileiro não estava mais de acordo com o modelo econômico adotado pelo governo petista, embora ainda sustentasse-o.

Entretanto, com o agravamento da crise econômica interna, como consequência da crise internacional, e, sobretudo, com “a quantidade de interesses empresariais contrariados” (SINGER, 2015, p. 67), pouco a pouco este setor passou a incorporar-se às fileiras do bloco dos neoliberais. Embora isto seja um processo demorado, no ano de 2013 já podemos perceber os ideais neoliberais nos discursos de Skaf: “sociedade quer menos impostos e mais qualidade” (SKAF, 2013); “#Burocracia<sup>24</sup> atrapalha o crescimento” (SKAF, 2013). As críticas ao modelo neodesenvolvimentista adotado continuam em 2014: “já passamos da hora de mudar a política econômica” (SKAF, 2014). O ultimato, porém, veio um ano depois, em janeiro de 2015, quando Skaf afirma que “se necessário, não hesitaremos em mobilizar a sociedade” (SKAF, 2015).

Nesse cenário complexo em que o governo se viu inserido, ou seja, perdendo apoio de aliados importantes para o modelo econômico adotado, houve uma preferência na realização de

políticas que, teoricamente, apaziguariam a insatisfação empresarial, ainda que prejudicassem seus próprios aliados na base. O resultado foi o oposto do esperado: além de aprofundar a recessão e o afastamento empresarial, a virada na política econômica alienou parte da população para quem era verossímil a acusação de “estelionato eleitoral” (ou mesmo “traição”) feita pelos grandes meios de comunicação e pela oposição partidária (BASTOS, 2017, p. 5).

Ou seja, embora no neodesenvolvimentismo boa parte das políticas públicas tenham favorecido a nova classe trabalhadora, esta passou a retirar seu apoio a essa política.

Outro fator importante para compreendermos o Golpe de 2016, é a atuação da mídia, visto que esta criou “opinião e atmosfera para o golpe” (LOPES, 2016, p. 120). Neste

---

24 É importante mencionar que burocracia, aqui, é compreendida como presença do Estado.

sentido, a atuação das grandes empresas jornalísticas, como organizações Globo, grupo Folha, grupo Estado e grupo Abril/Veja, teve papel destacado. Porém, isto foge ao escopo deste artigo. Neste sentido, analisarei apenas as manifestações na mídia social *Twitter* de Reinaldo Azevedo, colunista da Veja.

É fato que a mídia não começou a criticar Dilma e seu governo apenas no contexto das manifestações eleitorais pró-impeachment, em 2015. Já em 2013, por exemplo, Azevedo criticava o governo. Em tuíte datado de 14 de janeiro desse ano, ou seja, antes das manifestações e, portanto, da crise de popularidade e das críticas direcionadas ao executivo federal, o colunista da Veja comentava: "Foi Dilma que fez: Elétricas perdem quase R\$ 40 bilhões na Bolsa" (AZEVEDO, 2013). Este tuíte, continha o endereçamento para sua coluna com um texto opinativo. Aqui, cabe destacar que, assim como uma parte do empresariado nacional, Azevedo também via problemas na intervenção estatal: "*controlada pelo governo federal*, a empresa perdeu praticamente metade de seu valor de mercado [...]" (AZEVEDO, 2013, VEJA, grifos meus). Ou seja, fica evidente que o problema, na visão do colunista, é a influência do governo federal na empresa. Existem também outros tuítes que criticam a presença do Estado, porém, cabe aqui destacar um publicado no final de 2014: "O Brasil tem jeito: privatização de estatais e quase extinção de cargos de confiança. Vai encarar, Dilma?" (AZEVEDO, 2014).

A tática mais utilizada por Azevedo foi de associação Dilma-PT-Governo à corrupção, porque

[...] historicamente, apenas o tema da corrupção, no Brasil, propicia a manipulação perfeita do público cativo: aquela que não toca nem de perto no acordo das elites nem nos seus privilégios e permite focar todo o fogo no inimigo de classe (SOUZA, 2016, p. 88)

Assim sendo, diversos tuítes do colunista contribuíram para construir, junto à opinião pública, a imagem de um governo corrupto – ou, ao menos, conivente com esta prática.

Acredito que três manifestações no *Twitter* merecem destaque, visto que buscam consolidar a ideia de que Dilma é a personificação da corrupção<sup>25</sup>.

A primeira, busca associar a figura da presidenta aos atos cometidos por João Vaccari Neto: “Tesoureiro do PT, considerado peça-chave do Petrolão, é um dos homens fortes da campanha de Dilma” (AZEVEDO, 2014). É importante mencionar que este tuíte fora feito no contexto do início do segundo turno das campanhas eleitorais para presidência, em 21 de outubro. Azevedo faz o seguinte silogismo: Vaccari, envolvido em esquemas de corrupção, era principal articulador político de Dilma, logo, a candidata à reeleição também é corrupta.

O segundo tuíte vai direto ao ponto, afirmando que Dilma sabia o que estava acontecendo na Petrobras: “O regime petista prometeu conduzir a Petrobras à glória. O regime petista quebrou a #Petrobras” (AZEVEDO, 2014). Embora isso não fique tão evidente no tuíte, em sua coluna, com endereçamento contido na publicação, podemos ler a seguinte sentença: “Dilma vai cair não porque será vítima de um golpe, mas porque será colhida pela lei. Golpismo seria o país continuar com uma presidente da República que *permite o assalto aos cofres públicos*” (AZEVEDO, 2014, VEJA, grifos meus).

Por fim, o terceiro tuíte afirma que Dilma comprava deputados(as): “Quanto custa para comprar um deputado ou um senador? Dilma está pagando R\$ 748 mil por cabeça!” (AZEVEDO, 2014). Assim como o tuíte anterior, este também contém o endereçamento para sua coluna, embora não seja necessário lê-lo para compreender a mensagem que se quer passar.

O que chama a atenção neste três tuítes é que eles são publicados, respectivamente, em outubro, novembro e dezembro de 2014, ou seja, no contexto das eleições e no pós-eleição. Isso é de veras importante, considerando-se que uma das principais pautas que centralizaram as manifestações pró-impeachment em março de 2015 foi baseada na ideia da “corrupção petista”.

---

25 Corrupção aqui é compreendida como qualquer desvio de conduta, por meio de práticas ilegais, que vise obtenção de vantagens pessoais e/ou coletivas.

No intuito de explorar mais um dos sujeitos do golpe, buscarei analisar a atuação de Eduardo Cunha na Câmara dos Deputados, tendo em vista que, em certo momento das manifestações pró-impeachment, Cunha fora visto como um grande aliado destas.

Um grande paradoxo deste personagem é que, embora seja membro do partido que fazia parte da coalizão desde 2010, o deputado ficou conhecido por criar dificuldades e criticar, sempre que possível, a presidenta, seu partido e o governo. Talvez o primeiro obstáculo engendrado tenha sido a contrariedade ao projeto de reforma política proposto por Dilma como resposta às manifestações de junho de 2013: “A proposta apresentada pelo PT para plebiscito não contara com o apoio da bancada do PMDB” (CUNHA, 2013), e “O Pt tem mais condições de competir em gastos de campanha, por isso para eles reduzir custo não é a prioridade” (CUNHA, 2013). Além disso, o deputado apresentava postura ambígua: ora argumentava que estava prestes a deixar a coalizão, ora ratificava seu compromisso com o governo.

O primeiro ponto pode ser percebido nos seguintes tuítes: “Não sigo e nem seguirei a minha vontade e sim a da maioria da bancada” (CUNHA, 2014). De forma mais direta: “Além disso é bom que saibam que dentro da bancada da Camara, tenho sido bombeiro, porque a vontade de muito tempo já era de sair fora” (CUNHA, 2014). Ainda cabe sublinhar que, no momento de sua candidatura para a eleição, a despeito de confirmar que não seria oposição, como externarei em breve, Cunha disse que não seria “submisso ao Planalto” (CUNHA, 2014).

O segundo ponto, isto é, declarando ser um aliado do governo, pode ser percebido nos seguintes tuítes: “o PMDB faz parte da base do governo e assim continuará” (CUNHA, 2014), ou ainda, “Nunca passou pela minha cabeça construir qualquer candidatura de oposição, até porque meu partido não é oposição” (CUNHA, 2014), ratificando e assumindo este compromisso caso concorresse para presidência da Câmara: “Se por ventura no futuro decidir colocar a candidatura, ela não será de oposição ao governo” (CUNHA, 2014).

Quero destacar, aqui, o argumento trazido acima de que Cunha, caso eleito presidente da Câmara, não seria submisso ao Planalto. Esta imprevisibilidade, que por ventura acaba por conferir um caráter não confiável ao PMDB, também pode ser



compreendida em manifestações do próprio vice-presidente Michel Temer. Este, um ano antes das publicações de Cunha, em entrevista concedida ao jornal Brasil Econômica e divulgada no *Twitter*, afirmava que “Quem dá o tom da política no país é o PMDB” (TEMER, 2013). Merece destaque um trecho da entrevista, em que Temer já vislumbrava as futuras eleições de 2018. Perguntado pelo entrevistador por qual razão seu partido não tinha candidatura própria, o vice-presidente responde: “Uma candidatura precisa ser bem preparada. No caso de 2014, vamos repetir a mesma parceria com o PT e vamos nos preparar para 2018 e aí, sim, lançaremos um candidato” (TEMER, 2013, BRASIL ECONÔMICO).

Para finalizar, é preciso salientar dois tuítes de Temer, sendo o primeiro no contexto das manifestações pró-impeachment e o segundo após a abertura do processo de impeachment; e algumas ameaças (in)diretas de Eduardo Cunha à Dilma. Destarte, Temer afirma que “*O impeachment é impensável*, geraria uma crise institucional. Não tem base jurídica e nem política” (TEMER, 2015, grifos meus). Porém, meses mais tarde, após a abertura do processo que cassaria o mandato de Dilma, o vice-presidente afirma: “Vivemos regime de normalidade democrática extraordinária” (TEMER, 2015). Sobre o presidente da Câmara, este, sabendo dos riscos que corria, tuitou que iria “analisar novos pedidos de #impeachment ainda hoje” (CUNHA, 2015) e, em outro tuíte com o mesmo viés, mencionou a presidenta Dilma Rousseff, tentando, ao meu ver, amedrontá-la: “Cunha recebeu hoje, da oposição, novo pedido de #impeachment de @dilmabr” (CUNHA, 2015).

### Por que Golpe?

Explorados alguns dos principais sujeitos, suas manifestações na mídia social *Twitter* e, algumas razões para a compreensão do que ocorrera em 2016, é importante frisarmos a necessidade do uso do conceito de golpe – visto que, desde a abertura do processo de impeachment, em 2 de dezembro de 2015, existe uma batalha de narrativas.

Por um lado, aquelas(es) que haviam ajudado a construir o ambiente político necessário para a deposição de Dilma Rousseff intitulavam o acontecimento como *normal* – pois previsto na constituição, e, portanto, não poderia ser chamado de *golpe*. No *Twitter*,

durante o processo, muitas pessoas que partilhavam desta visão, publicaram #NãoÉGolpe e, depois de consumado o fato, passaram a tuitar #NãoFoiGolpe. Fora das mídias sociais, o debate também foi intenso. Nesse sentido, talvez o principal expoente da visão de normalidade do impeachment tenha sido, à época, o cientista político Bolívar Lamounier, segundo o qual “os 367 votos a favor do impeachment representam muito mais do que uma dura reprovação de incompetência e ilegalidades do governo Dilma. Representaram um *contragolpe democrático*” (LAMOUNIER, 2016, s/p, grifos meus). Porém, esta concepção, ao que tudo indica, não se alastrou para a mídia social *Twitter* tanto quanto as duas *hashtags* citadas anteriormente.

Por outro lado, aquelas(es) que, conquanto tecessem críticas ao segundo governo Dilma, foram às ruas defender a permanência da presidenta até o final de seu mandato passaram a conceituar o ocorrido em 2016 como um *golpe*. Assim como seus opositores na batalha de narrativas, essas(es) passaram a utilizar a mídia social *Twitter*, durante o processo, para se manifestarem contrárias(os) usando a #ÉGolpe. Realizada a deposição, mudou-se para #FoiGolpe. Fora do *Twitter*, acredito que um dos intelectuais que mais tenha se engajado, à época e ainda hoje, seja o também cientista político Jessé Souza (2016; 2020).

Assim sendo, uma breve revisão da transformação do conceito de *golpe de Estado* faz-se necessária, visto que este é um conceito secular e que, assim como qualquer outro, não é estático e pode modificar-se ao longo do tempo em consonância com novos processos políticos e sociais. Todavia, antes de mais nada, é importante ressaltar, como afirma Carlos Barbé (1998), que o golpe de Estado é, sempre, um ato realizado por órgãos do próprio Estado. Em suas palavras: “[...] na tradição Histórica o Golpe de Estado é um ato efetuado por órgãos do Estado” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 547). Dito isso, prossigamos a uma breve história do conceito de golpe.

De acordo com Marcos Napolitano (2019), a “formulação seminal se deu na literatura do século XVII, elaborado por Gabriel Naudé (1993) em 1639” (NAPOLITANO, 2019, p. 397). Neste período, basicamente golpe de Estado era um meio neutro para assegurar a sobrevivência coletiva, em detrimento da liberdade e justiça de alguns. Em

outras palavras, era algo extraordinário, no sentido de seu uso ocorrer em conjunturas específicas – geralmente quando o *status quo* se encontrava ameaçado – que visava a preservação do próprio Estado.

Mais recentemente, no século XX, Curzio Malaparte (1898–1957), jornalista e diplomata italiano, escreveu *Technique du Coup d'Etat* (1931). Em sua obra, não há uma diferenciação conceitual entre rebelião, revolução ou golpe, visto que essas três têm o mesmo objetivo, isto é, tomar o Estado. Neste sentido, o autor considera a Revolução Russa (1917), por exemplo, um golpe. Cabe destacar o argumento de que o papel das forças armadas não é ativo, ou seja, ao contrário de Barbé, para o qual as Forças Armadas tinham papel destacado, essa análise proposta por Malaparte destaca a articulação entre partidos oposicionistas, mídias, grupos de protesto e partes do Estado – Judiciário e/ou Legislativo.

Edward Luttwak (1942–presente), estrategista militar, redigiu *Coup d'Etat: A practical handbook* (1969). O argumento central do autor é parecido com o de Malaparte, a saber, os esforços para consolidar o golpe surgem de fora do governo, mas de dentro do Estado, podendo, é óbvio, ser mobilizados pelas Forças Armadas, mas isto não é uma característica necessária. Luttwak, porém, diferencia revoluções e rebeliões de golpes. É importante destacar que, para Luttwak e Malaparte, a *forma* como o golpe ocorre varia de acordo com o contexto histórico, o desenvolvimento da burocracia estatal e os mecanismos de defesa interna desenvolvidos.

Existe também outros teóricos que estudaram – e/ou estudam – os golpes de Estado. Os institucionalistas, ou seja, escola historiográfica que se opõe ao materialismo histórico porque coloca as instituições como foco de análise, em detrimento das classes sociais (NAPOLITANO, 2019), entendem que os golpes de Estado são respostas autoritárias a situações de anomia institucional. Em contrapartida, para alguns teóricos marxistas, como, por exemplo, para Nicos Poulantzas (2019), golpes geralmente estão associados a ditaduras ou são resultados do aumento de conflitos de classes e, em última instância, da luta pelo controle do Estado. Nas duas perspectivas, porém, existe um ponto de convergência: a ação golpista é realizada por atores institucionais.

Assim sendo, como argumentam as professoras Katya Kozicki e Vera Karam de Chueiri (2019), respectivamente de Teoria do Direito e Direito Constitucional da Universidade Federal do Paraná: “Não é mera questão semântica ou retórica utilizar a expressão “golpe” ao invés de impeachment. Ao contrário: o vocabulário da política e do direito nos oferecem os dois termos, cada um com seus limites significativos e possibilidades argumentativas” (KOZICKI; CHUEIRI, 2019, p. 158).

Comentadas, brevemente, algumas percepções sobre o conceito de golpe, é importante frisar que,

Quanto aos trâmites formais, não há dúvidas de que foram seguidos. O presidente da Câmara (Eduardo Cunha) acolheu uma representação no sentido de instaurar o processo de afastamento, este foi submetido ao plenário e depois seguiu para o Senado onde foi também acolhido e, por fim, julgado procedente (GRIJÓ, 2018, p. 445).

Entretanto, isto não quer dizer que os motivos que levaram ao processo são legais, visto que, o principal argumento para o impeachment da presidenta foram as chamadas “pedaladas fiscais”. Porém, estas são um recurso contábil que basicamente todos os políticos em algum cargo de chefia já utilizaram. Percebe-se, portanto, que só isto já bastaria para definir como golpe o ocorrido em 2016, porque “ocorreu o desvirtuamento de dispositivos constitucionais para proceder o impeachment” (MIORANDO, 2018, p. 119). Em outras palavras:

[...] *o Congresso fez uma interpretação abusiva dos fatos à luz dos dispositivos normativos.* Dito de outra forma, foi um “golpe” para afastar a presidente. Isso porque o que motivou o impeachment foi a edição de decretos de créditos suplementares, algo que desde os anos 1990 tem sido feito no Brasil à luz da lei orçamentária (art. 4o) (Brasil, 2014), cuja *interpretação o Tribunal de Contas da União (TCU) mudou no ano de 2015 e aplicou retroativamente.* Ou seja, a partir do art. 4o da lei de orçamento tanto de 2014 quanto de 2015 se interpretou de maneira nova a exigência de compatibilidade entre os decretos de abertura de crédito suplementar e a previsão da meta – e não a obtenção financeira da meta – e se fez tal interpretação e tal exigência após os fatos terem sido praticados. Tal compreensão *nunca havia ocorrido* no direito financeiro brasileiro até o acórdão do TCU de 7 de outubro de 2015, sendo que os decretos eram de julho e agosto de 2015. Ou seja, o acórdão do TCU altera a compreensão com efeito retroativo, para atingir fatos já praticados, uma espécie de direito novo sancionatório atingindo fatos a ele anteriores.

[...] A Lei n. 1.079/50, que regulamenta o impeachment, prevê responsabilização por violação da lei orçamentária, isto é, por ordenar ou autorizar abertura de crédito em desacordo com os limites estabelecidos pelo Senado sem fundamento legal. Maximizar a extensão dessa responsabilização seria possível em relação à lei de diretrizes orçamentárias e ao plano plurianual de orçamento, *mas jamais em relação à lei de responsabilidade fiscal* (KOZICKI; CHUEIRI, 2019, p. 163-164, grifos meus).

Todavia, análises posteriores ao processo de destituição de Dilma Rousseff, propuseram que este não poderia ter sido golpe, pois não houve uma intervenção militar, tampouco uma ruptura com o ordenamento jurídico normativo. Essas interpretações, porém, não levam em consideração que as formas de se edificar um golpe, na atualidade, foram modificando-se, assim como procurei demonstrar anteriormente.

Para reiterar minha argumentação, recorro a algumas observações de Laurent Vidal que afirma que os golpes clássicos renovaram-se em forma de encenação, em que o ator – ou atores – é “capaz de avançar no teatro do mundo” (VIDAL, 2016, p. 22). Seguindo a mesma linha argumentativa, Bernardo Miorando afirma que “a substituição do abuso da força militar pela força ‘jurídica’ seria a jogada de mestre, máscara das máscaras que coroaria o golpe” (MIORANDO, 2018, p. 140). A substituição, viria pela

dramatização [...] carregada pelas palavras e pelas imagens que a grande imprensa de massas (sobretudo Globo e Veja) difundiu após a reeleição de Dilma Rousseff [...] para construir o retrato de um país aparelhado por um partido populista e corrompido, sob o desenvolvimento de um modelo arcaico, querendo colocar a economia de joelhos ao conceder generosamente bolsas e direitos sociais aos mais pobres (VIDAL, 2016, p. 22).

Portanto, um golpe, com aparência de legalidade, porém, ainda assim, um golpe, porque se trata

de artifício jurídico sem bases materiais; por instaurar um programa de governo que é uma inversão do projeto eleito; por envolver elementos de corrupção e desgaste da democracia; por recuar a possibilidade de referendo público, desprezando o resultado da única consulta válida à população dentro do sistema político, a votação (MIORANDO, 2018, p. 120).

O processo evidenciou um impeachment contestável, visto que o principal motivo – as pedalas fiscais – configurou-se como uma prática econômica utilizadas por muitos políticos. O argumento central de que este recurso fora uma *irresponsabilidade fiscal*, foi alicerçado sobre a construção de uma opinião pública que retratava uma presidenta conivente com as práticas corruptivas do governo. Ao cabo, destituiu-se Dilma Rousseff, democraticamente eleita e, junto desta, jogou-se fora o projeto político que vencera às urnas, adotando-se, doravante, a agenda dos derrotados nas eleições. Um golpe, sem dúvida, teatralizado para apresentar normalidade.

### Considerações finais

O que se buscou demonstrar ao longo deste artigo é que as mídias sociais, em especial o *Twitter*, podem – e devem – ser utilizadas como ferramentas que fornecem fontes primárias para pesquisas. Ao externar os estudos de algumas(uns) pesquisadoras(es), atentas(os) à popularização dessa mídia social, foi destacada a centralidade do *Twitter* para a compreensão de fenômenos contemporâneos. Embora os exemplos aqui trazidos tenham utilizado, em sua maioria, *softwares* complexos para auxiliar na realização das pesquisas, evidenciou-se que também se podem fazer estudos a partir de ferramentas internas da própria da mídia social – *twitter search advanced*.

Ao selecionar os tuítes de Michel Temer, Eduardo Cunha, Paulo Skaf e Reinaldo Azevedo, ou seja, representantes de distintos setores da sociedade e da política, a saber, executivo federal, legislativo, empresariado e mídia empresarial, respectivamente, procurei demonstrar o grau de ataque feito por esses ao governo e à figura de Dilma Rousseff. Temer, por exemplo, após ver que não havia mais saída política, mudou de lado e, com a abertura do processo de impeachment, tuitou que havia normalidade no país, portanto, contradizendo-se, pois meses antes afirmara que esse processo era impensável. Cunha, em diversas manifestações em seu perfil, mostrou-se um sujeito indigno de confiança por parte do governo: entre alguns elogios e outras críticas, demonstrou, amiúde, seu lado no jogo político enquanto oposição, apesar de ter formalizado isto de forma direta apenas após o PT ter votado favorável contra o deputado na Comissão de Ética. O jornalista Reinaldo

Azevedo demonstrou seu antipetismo diversas vezes, associando o Partido dos Trabalhadores à corrupção. Além disto, opinou sobre a matriz econômica adotada, tuitando que a solução era a privatização, ou seja, aliando-se aos ideais neoliberais que Skaf tão bem iria defender. Este, aliás, ao ter seus interesses contrariados, afirmou – e seguiu à risca – que não descansaria até concretizar seu desejo de desburocratizar o Estado, mobilizando a sociedade e apoiando o processo golpista.

Sobre o golpe, este não é um conceito estático e foi sofrendo variações ao longo dos anos, modelando-se a partir dos diferentes contextos. A novidade de 2016, por sua vez, é a ausência das Forças Armadas – pelo menos é o que se sabe até o momento – aparentando, portanto, uma certa *legalidade*. Por esta razão, ainda há uma disputa de narrativas sobre o processo.

Por fim, é evidente que este artigo não tem a pretensão de esgotar as análises sobre o Golpe de 2016. Tampouco, isto fora tido como objetivo final. O que penso, porém, é que existem algumas necessidades urgentes, e este artigo teve por objetivo despertá-las: 1) as mídias devem ser vistas por seu potencial como fornecedoras de fontes primárias, sejam estas extraídas com o uso dos programas, ou não; 2) deve-se analisar, sempre que possível, distintos setores da sociedade para uma melhor compreensão do que ocorreu em 2016<sup>26</sup>; e 3) devemos disputar a narrativa e afirmar, sem titubear, que o que ocorreu em 2016 fora um golpe de Estado e, infelizmente, dera margem para a emergência de um governo autoritário. Sobre isto, não há dúvidas: vai passar. Como lembra Chico Buarque: amanhã há de ser outro dia. O problema central, porém, é que o futuro tarda a chegar, e as feridas abertas pelo golpe levarão muito tempo para cicatrizar.

## Referências

---

26 Os movimentos sociais (Movimento Brasil Livre, Vem Pra Rua, Revoltados Online e Nas Ruas), embora não tenham aparecido neste artigo, são importantes para compreender o Golpe de 2016, tendo em vista que criaram, junto à opinião pública, a atmosfera de legalidade do processo golpista.

- ALCKMIN, José Eduardo Rangel de. et al. *Ação de Investigação Judicial Eleitoral*. Brasília. 18 dez. 2014. Disponível em: <<http://static.psdb.org.br/wp-content/uploads/2014/12/acaotse181214.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2020.
- ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *AEDOS*, v. 3, n. 8, jan.-jun. 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>>. Acesso em: 10 mai. 2020.
- AZEVEDO, Reinaldo. Foi Dilma que fez: Elétricas perdem quase R\$ 40 bilhões na Bolsa. *Veja*, São Paulo, 11 jan. 2013. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/foi-dilma-que-fez-eletricas-perdem-quase-r-40-bilhoes-na-bolsa/>>. Acesso em: 07 mai. 2020.
- AZEVEDO, Reinaldo. O regime petista prometeu conduzir a Petrobras à glória. O regime petista quebrou a Petrobras. E tem de pagar por isso nos tribunais e nas urnas. *Veja*, São Paulo, 19 nov. 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-regime-petista-prometeu-conduzir-a-petrobras-a-gloria-o-regime-petista-quebrou-a-petrobras-e-tem-de-pagar-por-isso-nos-tribunais-e-nas-urnas/>>. Acesso em: 07 mai. 2020.
- BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o Golpe de 2016: poder estrutural, condição e ideologia. *Economia Contemporânea*, n. especial, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rec/v21n2/1415-9848-rec-21-02-e172129.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2020.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*, v. 1. Brasília: 11ª ed. Editora UnB, 1998.
- BOITO JR, Armando. Os atores e o enredo da crise política. In JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- BRASIL ECONOMICO. Quem dá o tom da política no país é o PMDB. *Blog Brasil Econômico*, São Paulo, 18 dez. 2013. Disponível em: <[http://brasileconomico.ig.com.br/noticias/quem-da-o-tom-da-politica-no-pais-e-o-pmdb\\_137712.html](http://brasileconomico.ig.com.br/noticias/quem-da-o-tom-da-politica-no-pais-e-o-pmdb_137712.html)>. Acesso em: 08 mai. 2020.



BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. O Novo Desenvolvimentismo e a Ortodoxia Convencional. *São Paulo em Perspectiva*, 20 (3), pp.5-24, 2006. Disponível em:

<<https://www.anpocs.com/index.php/papers-37-encontro/st/st02/8393-desenvolvimentismo-x-neodesenvolvimentismo-na-america-latina-continuidade-e-ou-ruptura/file>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. Retomada da Revolução Nacional e Novo Desenvolvimentismo. In: Pereira, Luis Carlos Bresser. *Desenvolvimento e crise no Brasil: história, economia e política de Getúlio Vargas a Lula*. São Paulo: Editora 34, 2003.

BURNS, Alex; ELTHAM, Ben. Twitter Free Iran: an Evaluation of Twitter's Role in Public Diplomacy and Information Operations in Iran's 2009 Election Crisis. *Communications Policy & Research Forum*, Sydney, 2009. Disponível em: <<http://vuir.vu.edu.au/15230/>>. Acesso em: 07 mai. 2020.

CONSTANTE, Bruno Erbe. *O Golpe Tuitado: uma análise dos discursos produzidos no Twitter pelas principais lideranças do Golpe de 2016 (junho 2013 – dezembro 2015)*. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em História). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/205792>>. Acesso em: 09 mai. 2020.

DAVIS, Ian. Talis, Web. 2.0 and all that. *Blog Ian Davis*, jul., 2005. Disponível em: <<https://blog.iandavis.com/2005/07/talis-web-2-0-and-all-that/>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

GLEASON, Benjamin. #Occupy Wall Street: Exploring informal learning about a social movement on Twitter. *American Behavioral Scientist*, v. 57, n. 7, p. 966-982, 2013. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0002764213479372>>. Acesso em: 07 mai. 2020.

GONÇALVES, Reinaldo. Novo-desenvolvimentismo e liberalismo enraizado. *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 112, p. 637-671, out./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n112/03.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

- GRIJÓ, Luiz Alberto. O golpe invisível: mídia, política, história e a universidade em tempos incertos. In BATISTELLA, Alessandro; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; ANGELI, Douglas Souza (orgs.). *Capítulos de História Política*. São Leopoldo: OIKOS, 2018.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos. O breve século XX (1914–1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- KAPLAN, Andreas; HAENLEIN, Michael. Users of the world, unite! The challenges and opportunities of Social Media. *Business Horizons* 53, 2010. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0007681309001232>>. Acesso em: 05 mai. 2020.
- KOZICKI, Katya; CHUEIRI, Vera Karam de. Impeachment: a arma nuclear constitucional. *Lua Nova*, São Paulo, 108: p. 157-176, 2019. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452019000300157&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452019000300157&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 13 mai. 2020.
- LEÃO, Lucia. *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: FAPESP, 2001.
- LOPES, Mauro. As quatro famílias que decidiram derrubar um governo democrático.
- JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LUCCHESI, Anita. *Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparativo sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)*. Dissertação de Mestrado em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- LUTTWAK, Edward. *Coup d'État. A practical handbook*. eBook Kindle, 2016.
- MALAPARTE, Curzio. *Technique du coup d'Etat*. Paris: Grasset, 1992 (edição em inglês).
- MIORANDO, Bernardo Sfredo. Ação conservadora e o golpe brasileiro de 2016: vislumbres da Venezuela de 2002 nos embates entre dependência e desenvolvimentos. *Rebela*, v. 8, n. 1, jan./abr., 2018. Disponível em: <<http://iela.ufsc.br/rebela/revista/artigo/acao-conservadora-e-o-golpe-brasileiro-de-2016-vislumbres-da-venezuela-de-2002>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

NAPOLITANO, Marcos. Golpe de Estado: entre o nome e a coisa. *Estudos Avançados*, 33 (96), 2019, p. 397-420. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ea/v33n96/0103-4014-ea-33-96-395.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2020.

NOIRET, Serge. "Y-a-t-il une histoire numérique 2.0" In GENET, Jean-Philippe; ZORZI, Andrea (org.). *Les historiens et l'informatique: un métier à reinventer*. Rome: École Française de Rome, 2011.

PASSOS, Mariana Rezende dos; PIRES, Teresinha Maria de Carvalho Cruz. Narrativas políticas em disputa no Twitter: a (des)construção da imagem pública de Lula no contexto da crise política brasileira de 2016. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.*, v. 24, n. 3, São Paulo, set.-dez. 2019, p. 179-200. Disponível em:

<[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442019000300179&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442019000300179&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 03 mai. 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). *Lua Nova*, São Paulo, 100, 2017. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/ln/n100/1807-0175-ln-100-00119.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SAMPAIO JR., Plínio de Arruda. Desenvolvimentismo e Neodesenvolvimentismo: Tragédia e Farsa. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 112, p. 672-688, out./dez. 2012. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282012000400004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282012000400004)>. Acesso em: 29 jul. 2020.

SICSÚ, J., PAULA, L. F. de; e MICHEL, R. *Novo-Desenvolvimentismo: um Projeto Nacional de Crescimentos com Equidade Social*. Barueri-SP: Manole e Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2005

SILVEIRA, Pedro Telles da. *História, técnica e novas mídias: reflexões sobre a história digital*. TESE (Doutorado em História). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/189249>>. Acesso em 1 mai. 2020.

SINGER, André. Cutucando onças com varas curtas: o ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). *Novos Estudos* 102, jul. 2015.

Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/nec/n102/1980-5403-nec-102-39.pdf>>.

Acesso em: 29 abr. 2020.

SOUZA, Jessé. *A guerra contra o Brasil. Como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

SOUZA, Jessé. *A radiografia do golpe. Entenda como e por que você foi enganado*. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

SPYER, Juliano. *Conectado: o que a Internet fez com você e o que você pode fazer com ela*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

STEIN, Alexandre de Queiroz. *Desenvolvimento no primeiro governo Dilma: intencionalidade, capacidades políticas e financeirização*. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/148528>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

VALLINA-RODRIGUEZ, Narseo; SCELLATO, Salvatore; HADDADI, Hamed; FORSELL, Carl; CROWCROFT, Jon; MASCOLO, Cecilia. Los Twindignados: The Rise of the Indignados Movement on Twitter. *SocialCom'12*, Amsterdam, 2012. Disponível em: <[https://www.cl.cam.ac.uk/~cm542/papers/socialcom12\\_vallina.pdf](https://www.cl.cam.ac.uk/~cm542/papers/socialcom12_vallina.pdf)>. Acesso em: 06 mai. 2020.

VIDAL, Laurent. La mascarade olympique permet d'occulter la tragédie politique. *Le Monde*, Paris, Débats et analyses, 14/15 jun., 2016. Disponível em: <[https://www.crhia.fr/doc\\_upload/Article%20Le%20Monde\\_L.%20Vidal\\_14-15-07-2016.pdf](https://www.crhia.fr/doc_upload/Article%20Le%20Monde_L.%20Vidal_14-15-07-2016.pdf)>. Acesso em: 15 mai. 2020.

### Fontes primárias<sup>27</sup>

---

27 Dois avisos: os tuítes encontram-se na ordem em que foram mencionados ao longo do artigo e os endereços, que foram encurtados pelo TinyURL, para acessarem os tuítes estavam funcionando. Todos, sem exceção, foram acessados pela última vez no dia 18 mai. 2020.

PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA. *URGENTE: PSDB pede cassação do registro de candidatura de Dilma Rousseff.* [S.l.] 18 dez. 2014. @PSDBOficial. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wyzw2zf>>.

TEMER, Michel. *Bela a cerimônia de comemoração dos 10 anos do bolsa família. Mais de 36 milhões de brasileiros fora da miséria. Uma vitória do Brasil.* [S.l.] 30 out. 2013. @MichelTemer. Disponível em: <<https://tinyurl.com/thewlt8>>.

TEMER, Michel. *Com a infraestrutura que está sendo criada, o Brasil dará um salto nos próximos anos.* [S.l.] 5 jun. 2014. @MichelTemer Disponível em: <<https://tinyurl.com/vs96f9k>>.

TEMER, Michel. *O Brasil gerou 20 milhões de empregos em 10 anos. E isso na grave crise econômica internacional. Portanto, o Brasil continua prosperando.* [S.l.] 04 abr. 2014. @MichelTemer. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w4sda4r>>.

TEMER, Michel. *(A) O governo não governou só pra uma classe social. Em 2002, eram 12 milhões de pessoas com padrão de vida melhor. Hj são 30 milhões.* São Paulo, 10 dez. 2014. @MichelTemer. Disponível em: <<https://tinyurl.com/thjrx3n>>.

TEMER, Michel. *"Se é para continuar as políticas públicas, ninguém melhor do que quem já as estão fazendo, nossa presidenta @dilmabr", #MichelTemer.* [S.l.] 20 out. 2014. @MichelTemer. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v64bty4>>.

SKAF, Paulo. *"Veto da presidente Dilma aos 10% de multa no #FGTS não contribui para crescimento do país".* <http://bit.ly/14Nhvbr> #EquipePresidenteSkaf. [S.l.] 25 jul. 2013. @SkafOficial. Disponível em: <<https://tinyurl.com/s3ybvpi>>.

SKAF, Paulo. *Derrubar o veto presidencial que mantém a cobrança de multa adicional de 10% sobre o FGTS é uma das lutas da @Fiesp. #EquipePresidenteSkaf.* [S.l.] 18 ago. 2013. @SkafOficial. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v3sfosl>>.

SKAF, Paulo. *Sociedade quer menos impostos e mais qualidade, diz Paulo Skaf em entrevista a @RonnieTodoSeu:* <https://tinyurl.com/vwlqrxhttp> #EquipePresidenteSkaf. [S.l.] 18 nov. 2013. @SkafOficial. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v93yvc>>.

SKAF, Paulo. *#Burocracia atrapalha crescimento, diz Paulo Skaf para a rádio @MORADAFM, de #Araraquara*. <http://bit.ly/13UnqX5> #EquipePresidenteSkaf. 09 ago. 2013. @SkafOficial. Disponível em: <<https://tinyurl.com/sckseuz>>.

SKAF, Paulo. *"Se necessário, não hesitaremos em mobilizar a sociedade para, juntos, lutarmos no Congresso contra qualquer..."*. <http://fb.me/3TOOsR3WK>. [S.l.] 19 jan. 2015. @SkafOficial. Disponível em: <<https://tinyurl.com/vc2473r>>.

AZEVEDO, Reinaldo. *Foi Dilma que fez: Elétricas perdem quase R\$ 40 bilhões na Bolsa: Na http://VEJA.com: A crise no setor elétr...*. <http://bit.ly/VQAucW>. [S.l.] 11 jan. 2013. @ReinaldoAzevedo. Disponível em: <<https://tinyurl.com/toqfflk>>.

AZEVEDO, Reinaldo. *O Brasil tem jeito: privatização de estatais e quase extinção de cargos de confiança. Vai encarar, Dilma?*. [S.l.] 14 dez. 2014. @ReinaldoAzevedo. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rsfsyf4>>

AZEVEDO, Reinaldo. *Tesoureiro do PT, considerado peça-chave do Petrolão, é um dos homens fortes da campanha de Dilma*. [S.l.] 21 out. 2014. @ReinaldoAzevedo. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qpv47xp>>.

AZEVEDO, Reinaldo. *O regime petista prometeu conduzir a Petrobras à glória. O regime petista quebrou a #Petrobras. Tem que pagar...* [S.l.] 19 nov. 2014. @SkafOficial. Disponível em: <<https://tinyurl.com/s7m6fsc>>

AZEVEDO, Reinaldo. *Quanto custa para comprar um deputado ou um senador? Dilma está pagando R\$ 748 mil por cabeça!*. [S.l.] 01 dez. 2014. @ReinaldoAzevedo. Disponível em: <<https://tinyurl.com/udhy3e8>>.

CUNHA, Eduardo. *A proposta apresentada pelo PT para plebiscito nao contara com o apoio da bancada do PMDB*. [S.l.] 28 ago. 2013. @DepEduardoCunha. Disponível em: <<https://tinyurl.com/twyjphr>>.

CUNHA, Eduardo. *O Pt tem mais condições de competir em gastos de campanha,por isso para eles reduzir custo nao e a prioridade*. @DepEduardoCunha. [S.l.] 25 set. 2013. Disponível em: <<https://tinyurl.com/v43hhwe>>.

CUNHA, Eduardo. *Não sigo e nem seguirei a minha vontade e sim a da maioria da bancada*. [S.l.] 05 mar. 2014. @DepEduardoCunha. Disponível em: <<https://tinyurl.com/u3wfxv7>>.

CUNHA, Eduardo. *Além disso e bom que saibam que dentro da bancada da Camara,tenho sido bombeiro,porque a vontade de muito tempo já era de sair fora*. [S.l.] 07 mar. 2014. @DepEduardoCunha. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rlcz8ez>>.

CUNHA, Eduardo. *"Não serei submisso ao Planalto", diz Eduardo Cunha*. 10 nov. 2014. @DepEduardoCunha. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yx3cohxt>>. [S.l.] Disponível em: <<https://tinyurl.com/tyb3mrp>>.

CUNHA, Eduardo. *O PMDB faz parte da base do governo e assim continuara*. [S.l.] 30 out. 2014. @DepEduardoCunha. Disponível em: <<https://tinyurl.com/w7x986o>>.

CUNHA, Eduardo. *Nunca passou pela minha cabeça construir qualquer candidatura de oposicao,ate porque meu partido não é oposicao*. [S.l.] 30 out. 2014. @DepEduardoCunha. Disponível em: <<https://tinyurl.com/tjexwea>>.

CUNHA, Eduardo. *Se por ventura no futuro decidir colocar a candidatura,ela não será de oposição ao governo*. [S.l.] 30 out. 2014. @DepEduardoCunha. Disponível em: <<https://tinyurl.com/uxef5h5>>.

TEMER, Michel. *"Quem dá o tom da política no país é o PMDB" - entrevista ao jornal Brasil Econômico*: <http://migre.me/h3peG>. [S.l.] 17 dez. 2013. @MichelTemer. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wwkdo7m>>.

TEMER, Michel. *O impeachment é impensável, geraria uma crise institucional. Não tem base jurídica e nem política*. [S.l.] 29 mar. 2015. @MichelTemer. Disponível em: <<https://tinyurl.com/wb5ufg9>>.

TEMER, Michel. *#Video "Vivemos regime de normalidade democrática extraordinária"* <https://tinyurl.com/vsgjv14>. Brasília, 09 dez. 2015. @MichelTemer. Disponível em: <<https://tinyurl.com/qu3rf6b>>.

CUNHA, Eduardo. *Cunha diz que vai analisar novos pedidos de #impeachment ainda hoje*. [S.l.] 01 out. 2015. @DepEduardoCunha. Disponível em: <<https://tinyurl.com/rews4b2>>.

CUNHA, Eduardo. *Cunha recebeu hoje, da oposição, novo pedido de #impeachment de @dilmabr.* [S.l.] 21 out 2015. @DepEduardoCunha. Disponível em: <<https://tinyurl.com/u9hz4cs>>.